



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à agência e TV Bloomberg**

**Palácio do Planalto, 23 de novembro de 2004**

**Jornalista:** A Bloomberg entende a importância de acompanhar de perto Brasília, para quem quer saber mais sobre a economia e o mercado brasileiro, por isso a TV inaugura um ponto de câmera, a partir da capital. E para inaugurar a nossa câmera, nós temos um convidado especial, o senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Presidente, muito obrigado por sua entrevista.

**Presidente:** Por nada, Cecília Tornaghi.

**Jornalista:** Presidente, será que é possível manter a política fiscal e de aperto de gastos diante da pressão política?

**Presidente:** Eu acredito que manter uma política de ajuste fiscal forte não se trata de pressão política, trata-se de só poder gastar aquilo que você recebe.

A minha vida inteira foi assim. Eu trabalhei durante 27 anos dentro de uma fábrica e só gastava aquilo que tinha. Eu não podia fazer dívida que não pudesse pagar.

Quem governa tem que agir com a mesma seriedade, ou seja, eu não posso fazer proselitismo em época de campanha política; não posso fazer proselitismo em função de pressão política. Eu tenho que dizer o seguinte: eu arrecado tanto, só posso gastar tanto; eu tenho uma dívida de tanto, portanto, eu tenho que pagar uma parte dessa dívida. Eu prefiro fazer esse jogo sério e responsável do que fazer o que outros fizeram de tentar inventar política



econômica, depois quebraram a cara e quem ficou com o prejuízo foi o povo brasileiro.

**Jornalista:** Um ponto bastante contencioso em que a pressão volta a começar é o salário mínimo. Vai ser possível aumentar em quanto?

**Presidente:** Veja, nós vamos fazer aquilo que for possível fazer. Eu tenho o compromisso de aumentar o salário mínimo. Obviamente que o salário mínimo brasileiro é muito baixo; é mais baixo do que em outros países da América do Sul. Nós temos uma dívida histórica e nós vamos tentar recuperar um pouco o salário mínimo. E eu acho que vai dar para darmos um aumento mais importante do que no ano passado.

Agora, tudo isso com muito cuidado para que a gente não dê um aumento de salário mínimo e isso possa significar, depois, desemprego de milhares de trabalhadores. Nós temos responsabilidade com a Previdência Social, que tem um déficit muito grande; nós temos responsabilidade com as pequenas prefeituras que não podem pagar nem os 260 reais. Mas, nós achamos que os trabalhadores também não podem ser vítimas uma vida inteira. Portanto, nós vamos fazer um reajuste que eu considero razoável para o momento. Eu espero, ano que vem, poder melhorar um pouco mais e no outro ano melhorar um pouco mais, até que a gente possa recuperar o poder aquisitivo do salário mínimo brasileiro.

**Jornalista:** A questão dos ataques que são puxados exatamente pela política fiscal, pela política econômica do governo. Isso pode levar a dificuldades na aprovação das reformas que ainda estão por vir?

**Presidente:** Mas os ataques, muitas vezes, são insensíveis ou, muitas vezes, de má fé. Porque, você veja, no começo do ano se faziam todos os



prognósticos, tanto gente do governo, quanto gente da oposição, quanto analistas econômicos de que a economia brasileira não iria crescer mais do que 3%. Nós, agora, estamos colhendo um crescimento de 4,7%. Os mais otimistas acham que nós vamos chegar a 5%; os mais pessimistas acham que vamos ficar em 4,5%. E nós trabalhamos com a idéia de que o crescimento tem que ser sustentável e tem que ter um novo ciclo.

O Brasil não pode crescer um ano e, no outro, decrescer. Nós queremos que cresça durante 10, 15 ou 20 anos seguidos. Mesmo que pouco, mas que cresça mais do que o crescimento demográfico, que possa fazer com que consigamos, num médio prazo, recuperar a massa salarial, recuperar o poder aquisitivo das pessoas e gerar os empregos que tanto nós precisamos gerar.

Este ano, por exemplo, nós vamos terminar o ano com um saldo altamente positivo. Além do crescimento nós vamos ter uma exportação que vai superar os 94 bilhões de dólares; nós vamos ter, praticamente, 1 milhão e 900 mil novos empregos formais, gerados do dia 1º de janeiro ao 1º de novembro, numa demonstração de que as coisas estão andando. Andando com muita cautela, com muito cuidado. Eu acho que nós conseguiremos fazer com que o Brasil, de uma vez por todas, se transforme num país respeitado, com credibilidade junto a seus parceiros mundiais.

**Jornalista:** A política monetária com aumento de juros poderia ser um entrave a esse planejamento de crescimento?

**Presidente:** Nós achamos, e todo mundo acha, que o aumento de juros é sempre uma coisa muito ruim. Mas, ao mesmo tempo, todo mundo acha ruim que a inflação suba. A inflação traz um prejuízo enorme para a parte mais pobre da população, porque é nas costas dela que cai a inflação.

O ideal, e nós trabalhamos com isso, é que para o ano que vem, nós trabalhamos para que a taxa de juros possa cair um pouco, que a gente tenha



um juro real mais próximo daquilo que é aceitável pela sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, nós estamos criando muitas linhas de crédito para que a gente possa fomentar a produção.

Eu vou dar um exemplo: nós temos, no BNDES, hoje, por volta de 60,8 bilhões de reais para financiamento de infra-estrutura, de novas empresas no Brasil. Nós criamos, no Brasil, uma coisa chamada crédito com desconto em folha que, segundo o Banco Central, já fez circular, este ano, praticamente 12 bilhões e meio, ou seja, pessoas que não tinham crédito, agora, podem chegar num banco e pegar 2, 3 mil reais para pagar 1,75 ou 2% de juros ao mês e comprar o eletrodoméstico à vista. Então, nós estamos colocando dinheiro em circulação que, habitualmente, não existia no Brasil. Eu acho que isso vai fazer com que a economia continue crescendo, mesmo o juro não sendo aquele juro do sonho de todo mundo. Nós não podemos ter um juro japonês; nós não podemos ter um juro americano. Por quê? Porque a nossa economia não tem a solidez da economia americana, não tem a solidez da economia japonesa.

A solidez da nossa economia é a solidez da economia brasileira, de um país que, muitas vezes, assumiu compromissos e não cumpriu; de um país que precisa conquistar credibilidade junto a credores, junto a investidores. Quando nós tomamos posse, o Brasil não tinha financiamento das suas importações. Nós precisamos fazer com que o Brasil o reconquistasse. O Brasil tinha um risco-Brasil de 2.400 pontos. Hoje está em 420 pontos.

Então, é um trabalho muito longo para que a gente conquiste uma coisa chamada credibilidade que, em economia, tem um peso fenomenal. Eu sempre tento traduzir isso para a nossa experiência de casa. Se chegar uma pessoa e pedir para você, Cecília Tornaghi, 10 mil reais emprestados, você só vai emprestar se tiver um bom avalista. E, ainda assim, você corre o risco de não emprestar. Agora, se você souber que a pessoa tem muito para te pagar, você vai emprestar e vai pedir um juro muito baixo. Por quê? Porque você tem confiança que vai receber.



Na medida em que o Brasil consolida essa confiança, nós não vamos ter problemas com a nossa dívida, nós não vamos ter problemas com a taxa de juros. Mas, para isso, é preciso muito sacrifício, muita seriedade e muita responsabilidade.

**Jornalista:** A meta de inflação, baixar para 5,5% este ano, a 4,5% no próximo. Mas vai ser possível alcançar isso só mesmo usando a taxa de juros como instrumento?

**Presidente:** Olha, se não for possível, o que vai ficar é que nós fizemos o sacrifício que foi possível para conquistarmos. Porque se a gente não estabelece uma meta de inflação de 5% e deixa solto, o que acontece? No Brasil, você sabe como funcionam as coisas. No Brasil, as pessoas falam: “1% a mais de inflação”, 2% a mais não quer dizer nada. Mas daqui a pouco a gente está a 30, 40%. E quem “paga o pato”? É a parte pobre da população brasileira.

Então, nós vamos ser duros no cumprimento da meta de inflação. Se não conseguirmos, não foi por nossa culpa, foi porque nós temos problemas de preços que são dolarizados, que nós não controlamos. O preço do aço, por exemplo, é dolarizado, os preços administrados: energia, comunicação, petróleo, que não dependem de nós, porque também são dolarizados. Na medida em que o preço vira preço *commodities*, nós perdemos praticamente o controle sobre ele. O que é importante? Nós temos outros mecanismos que podem ser utilizados, mas que poderá ter uma pressão muito grande em cima do governo, por exemplo, você reduzir a alíquota de importação de alguns produtos que estão crescendo muito no Brasil. Isso, obviamente que nós discutimos há vários meses e só utilizaremos esse mecanismo se descobirmos que o que estamos utilizando, agora, não está dando certo. Por enquanto, eu continuo com toda a confiança do mundo achando que nós



vamos fazer acontecer o que precisa acontecer no Brasil.

**Jornalista:** Corte de gastos é uma possibilidade para ajudar a política monetária?

**Presidente:** Nós não temos mais o que cortar. Essa é a verdade, porque quando nós tomamos posse, fizemos um corte no orçamento de 14 bilhões de reais, além do que nós herdamos 10 bilhões de restos a pagar. Este ano já fizemos um corte de praticamente 6 bilhões de reais entre aquilo que o Congresso aprovou e a nossa vontade. Agora, nós estamos fazendo um orçamento que possa ser o mais próximo da realidade. Você pode ter uma inflexão um pouco mais ou um pouco menos, mas nada em que a gente tome uma decisão que depois a gente não possa cumprir.

Eu aprendi no berço de uma mãe e de um pai analfabetos de que a verdade, muitas vezes, é dura, é cruel, mas ela tem que ser dita porque faz bem para quem a ouve.

**Jornalista:** Presidente, quanto tempo o senhor imagina que seja necessário para o país alcançar o crescimento sustentável?

**Presidente:** Se nós crescemos este ano 4,7%, como está praticamente consolidado; se crescermos o ano que vem 4,5, 5%; se nós crescermos, em 2006, 4,5, 5%, ou seja, nós estamos consolidando de forma muito sólida esse crescimento sustentável.

O que nós precisamos é não permitir que se faça a “farrá do boi”, ou seja, quando tem um pouquinho de dinheiro a mais, você gasta demais e depois descobre que você não deveria ter gasto. E aí, Cecília Tornaghi, eu acho importante um exemplo de vida: quando um trabalhador de fábrica chega no mês de dezembro, recebe entre o dia 10 e o dia 20, férias, 13º salário,



pagamento e ainda uma parcela do ano seguinte. Muitas vezes ele chega em casa com um pacote de dinheiro. A tendência natural são os filhos quererem gastar tudo: compra isso, compra aquilo. Se tem alguém responsável na casa, e, normalmente, a mulher age com mais responsabilidade, ela vai dizer o seguinte: “espera aí, não é porque tem um pouco de dinheiro a mais que a gente vai gastar mais, não. Vamos guardar um pouco, vamos pagar nossas dívidas para que a gente comece o ano que vem mais aliviado.” É assim que eu trabalho.

Nós não permitiremos, porque a economia está crescendo um pouco, que se gaste aquilo que vai nos criar dificuldades nos meses seguintes.

**Jornalista:** Quando o senhor imagina que a população mais pobre vai poder já estar se beneficiando dessas mudanças?

**Presidente:** Eu acho que já está. É importante lembrar o seguinte: vamos ver os programas sociais que nós fizemos, Cecília Tornaghi. Nós criamos o programa Fome Zero, e vamos chegar, em dezembro deste ano, com 6 milhões e meio de famílias recebendo a ajuda do programa Fome Zero.

Nós aprovamos, depois de 12 anos parado no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso, que está beneficiando pessoas acima de 60 anos de idade que ganham um salário mínimo. Nós estamos ajudando os deficientes físicos que não podem trabalhar, que ganham um salário mínimo.

Nós estabelecemos o programa Luz para Todos, que é para levar luz para o povo, que são 12 milhões de famílias que ainda não têm luz elétrica no Brasil. Nós fizemos uma política de agricultura familiar em que, pela primeira vez, colocamos 7 bilhões para financiar a agricultura familiar. Nós criamos o seguro agrícola que garante a totalidade do prejuízo que a pessoa teve e ainda dá 65% do lucro presumido para que ele comece a tocar sua vida. Nós estamos comprando produtos de trabalhadores para não permitir que o



mercado jogue para baixo. Por exemplo, eu fui a uma região do Brasil esses dias e a saca do feijão estava a 28 reais. Nós entramos comprando a 60, o mercado levou a 50. Quando o mercado subiu, nós nos retiramos.

Então, eu penso que os programas sociais estão acontecendo muito rapidamente e, obviamente como nós temos uma dívida social histórica, porque embora o Brasil tenha crescido muito de 1950 a 1980, a verdade é que, quando ele cresceu muito não foi distribuído. Então, nós fomos acumulando uma dívida social.

Você está lembrada que na Copa do Mundo de 1970, nós tínhamos uma música que dizia “90 milhões em ação”, não é isso? Trinta e quatro anos depois nós somos 180 milhões. Significa que nós crescemos 100%. Acontece que nesses 34 anos, 20 deles é o chamado “tempo perdido”, em que a economia não cresceu, em que a gente teve que pagar muito. E nós estamos tentando recuperar isso.

Eu acho que o povo brasileiro compreende o momento político, ele compreende quando o governo está agindo com seriedade. E eu não tenho por que não dizer a verdade a cada minuto, a cada hora para o meu povo.

**Jornalista:** De setembro, logo antes de sua posse, até aqui, no entanto, a renda familiar direta teve uma queda. Uma queda no valor real da renda familiar. O senhor acredita que esse quadro pode ser revertido?

**Presidente:** Veja, os dados que nós temos do IBGE é que a massa salarial teve um crescimento considerável neste ano. Obviamente que 2003 é um ano atípico. E o ano de 2003 não aconteceu em 2003, o baixo crescimento do PIB de 2003 começou em 2002, ou seja, da mesma forma que o crescimento de 2004 começou a partir de julho de 2003. Nós, agora, estamos colhendo o que plantamos o ano passado. E o ano que vem iremos colher o que plantamos este ano.





Por isso, eu acho que nós vamos recuperar a massa salarial; vamos recuperar o poder aquisitivo do salário mínimo. E por isso nós vamos fazer as políticas sociais que o Brasil tanto precisa. Eu trabalho com essa idéia fixa 24 horas por dia. E eu acho que nós conseguiremos.

**Jornalista:** O senhor pretende dar seguimento a esses trabalhos, ou seja, o senhor vai se candidatar à reeleição?

**Presidente:** Cecília, eu não discuto isso, porque não tem coisa pior na cabeça de um homem, político sobretudo, do que ele começar a trabalhar pensando no final do seu mandato ou na disputa que ele vai fazer. Eu tenho quatro anos, que me foram dados pelo povo brasileiro. Eu tenho que cumprir com o meu mandato, esse negócio de reeleição a gente discute no momento que tiver que discutir; 2005 é ano de trabalho, de crescimento econômico, de política social. É isso que eu vou fazer.

**Jornalista:** E o que o senhor propõe para encorajar os investimentos estrangeiros?

**Presidente:** Veja, os investimentos estrangeiros, quando vão para um país, querem algumas coisas fundamentais. Eles querem infra-estrutura, mão-de-obra qualificada, estabilidade econômica e estabilidade política. Nós temos estabilidade política, nós temos estabilidade econômica, nós temos mão-de-obra qualificada e nós temos infra-estrutura e estamos investindo, para o próximo ano, mais em infra-estrutura para recuperar os nossos portos. Os aeroportos estão sendo recuperados. Só este ano foram 12 aeroportos recuperados. Nós estamos recuperando a nossa estrada. Só para você ter uma idéia, quando nós tomamos posse, de 58 mil quilômetros de estradas que nós tínhamos, nós temos 38 mil que estão praticamente deterioradas, ou seja, ao



longo de tantos anos, aqueles que governaram o Brasil não tiveram sequer a capacidade de fazer a manutenção naquilo que nós tínhamos construído.

E, agora, nós corremos atrás do tempo. Nós, agora, não temos que ficar chorando porque não fizeram; não temos que ficar reclamando tentando achar culpados. Nós estamos no governo, nós temos que cumprir a nossa parte. É por isso que nós seremos julgados em algum momento da história do nosso Brasil.

**Jornalista:** Para o investidor estrangeiro as regras do jogo são fundamentais, a manutenção do marco regulatório em vários setores. O senhor pretende se empenhar para uma clareza maior das regras dos variados setores, especialmente infra-estrutura?

**Presidente:** Eu acho que não tem país com regras mais claras do que o Brasil. Primeiro, em apenas 22 meses de governo, nós aprovamos o que alguns não aprovaram em 20 ou em 15 anos no governo. Aqui e fora do Brasil. Nós aprovamos a reforma tributária, a reforma previdenciária, a Lei de Falências e a reforma do Judiciário. Não é pouca coisa, é muita coisa.

Segundo, nós aprovamos o marco regulatório do setor elétrico, que está funcionando. Nós estamos, agora, com o projeto de Parceria Público-Privada no Congresso Nacional, que não depende do governo, agora. Nós mandamos isso para lá no começo do ano, tem divergência, está sendo acertado, está sendo feito o acordo e nós esperamos que o bom senso do Congresso Nacional e dos senadores possa fazer com que eles percebam que aprovar o projeto de PPP é a gente dar uma chance ao Brasil de crescer de forma mais robusta em 2005.

**Jornalista:** Presidente, quais o senhor diria que seriam o seu maior sucesso e o seu maior fracasso até aqui?



**Presidente:** Primeiro, eu acho que não dá para medir sucesso nem fracasso. Você não pode medir um grande artista se ele pintou o seu quadro apenas pela metade. Eu estou em menos da metade do meu mandato, ou seja, estamos completando 22 meses de mandato. Eu tenho outro segundo tempo pela frente e pretendo ser medido pelo conjunto da obra. Eu acho que inegavelmente o programa Fome Zero se transformou numa bandeira mundial. Quando nós conseguimos reunir nas Nações Unidas, no dia 20 de setembro deste ano, 60 chefes de Estado e de Governo, ministros de 103 Estados para discutir o problema da fome, significa que nós estamos transformando esse problema cruel num problema político. E, aí, eu acho que a gente vai começar a resolver.

Também não tem solução de curto prazo. Tem que ser uma coisa que nós temos que martelar todo santo dia. E o que eu acho interessante é que a minha eleição permitiu que esse tema fosse colocado nas mesas em que antes nunca tinha sido colocado. Não pense que é fácil ir no encontro de Evian com o G-8 e colocar a questão da fome. Não pense que é fácil ir em Davos e colocar a questão da fome na mesa. E eu fui colocar. Eu fui colocar, fui respeitado, tem muita gente colaborando, tem muita gente nos ajudando, tem muita solidariedade interna. Então, esse é um motivo de alegria.

Quando eu recebi 50 mil euros do Príncipe das Astúrias, do prêmio que eu recebi, a minha primeira atitude foi doar esse prêmio para as Nações Unidas para servir de exemplo que se eu posso doar, outros podem doar. Se cada um der um pouquinho, a gente vai ter um montão e a gente vai poder ajudar muito mais pessoas que precisam mais do que nós.

**Jornalista:** Senhor Presidente, muito obrigado por sua entrevista.

**Presidente:** Obrigado a você, Cecília Tornaghi.

**Jornalista:** Será que a economia pode continuar a crescer a uma taxa de 3 a 5



por cento ao ano, com taxas de juros subindo tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos e os preços dos produtos primários começando a cair?

**Presidente:** Eu acredito que a economia brasileira vai continuar a crescer, até porque nós estabelecemos uma política de financiamento para pequenas e médias empresas. O nosso BNDES, que é um banco de financiamento, ajuda a financiar projetos, a juros mais baratos do que a taxa selic. E a luta pela redução do *spread* bancário é uma luta secular que nós vamos continuar fazendo.

Mas eu estou otimista de que a economia vai continuar crescendo, ou seja, não há nenhum indicador que não permita que nós sejamos otimistas com relação à perspectiva do crescimento econômico. Eu acho que nós vamos crescer acima de 3,5% no ano que vem e acho que a economia brasileira vai criando uma certa solidez para que a gente conquiste definitivamente a credibilidade que um país como o Brasil precisa ter.

**Jornalista:** O senhor acha que a economia está forte o suficiente para agüentar uma fuga de capitais estrangeiros como aconteceu no mercado em 2002?

**Presidente:** Não, está muito mais forte do que estava antes. Nossas reservas eram quase nada, ou seja, quando nós pegamos nós não tínhamos sequer crédito para as nossas importações. Nós saímos de um déficit de conta corrente de 23 bilhões para um superávit de 9 bilhões e 800 milhões de dólares. Nós exportamos 93 bilhões de dólares até agora, temos um saldo comercial de praticamente 33 bilhões de dólares. Então, as contas estão muito mais arrumadas do que já estiveram em outro momento da nossa história.

E isso nos permite, primeiro, torcer para que não haja necessidade de fuga de capitais. Segundo, torcer para que a economia mundial se mantenha,



de certa forma, equilibrada. Terceiro, nós compramos muito da nossa dívida em dólar, porque quando o governo anterior perdeu toda a credibilidade de vender os seus títulos, ele dolarizou os títulos e nós compramos, já, grande parte da dívida dolarizada. Temos apenas 17% dela, e eu penso que esse é um avanço importante. Mas trabalhamos com a hipótese de uma certa tranqüilidade porque a economia do Brasil já não é tão vulnerável como era há três anos atrás, graças a Deus.

**Jornalista:** Sua defesa dos países em desenvolvimento vai enfraquecer suas relações com os Estados Unidos e sua proximidade com o FMI?

**Presidente:** Primeiro, nós temos, nos Estados Unidos, o nosso principal parceiro individual. É uma relação que nós queremos trabalhar com muito carinho, porque é uma relação histórica e muito importante. Segundo, a União Européia é também um parceiro extremamente importante. Ora, o que eu pensei quando assumi a Presidência: de que nós não podemos ficar com uma relação comercial dependendo apenas de dois grandes blocos, de um lado os Estados Unidos, de outro lado a União Européia, que era preciso diversificar os países com quem nós mantemos relações comerciais para que a gente fique menos dependente de uma grande economia.

Eu já viajei para quase 40 países, em 22 meses. Nós consolidamos o Mercosul. No dia 8 de dezembro nós vamos a Cuzco, assinar o Protocolo da Constituição da Comunidade Sul-americana de Nações. É uma integração de toda a América do Sul associada ao Mercosul. Nós estamos trabalhando, e fortemente, políticas de integração regional. Nós estabelecemos uma forte relação com a África, com os países árabes, com a China, com a Índia, com a Rússia, com a África do Sul, sem mexer na nossa boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia.

Por isso é que nós demos um salto de qualidade importante nas nossas



exportações, porque nós estamos procurando outros parceiros, estamos estabelecendo políticas de complementaridade entre nós, ou seja, o que eu posso oferecer para a China e o que a China pode me oferecer? A China pode nos oferecer tecnologia espacial. Ótimo, nós oferecemos para ela tecnologia de aviões, ou seja, essa troca é que vai fazer com que os países em desenvolvimento ganhem mais força, sejam mais vigorosos e possam fazer com que, na Organização Mundial do Comércio, a lógica comercial seja mais plural e mais democrática, sem o protecionismo da agricultura, tanto nos Estados Unidos quanto na União Européia. É para isso que nós brigamos e eu sei que, embora não possam fazer por causa dos problemas políticos, eles sentem que é o único jeito de ajudar os países pobres.

**Jornalista:** O senhor espera lançar mais desafios à OMC?

**Presidente:** Veja, nós não fazemos desafio, nós temos uma instituição que tem o ordenamento legal. E em torno desse ordenamento legal nós brigamos. Por exemplo, diziam que a gente não ia ganhar a demanda do algodão. Nós ganhamos. E quem ganha com isso não é o Brasil, os países africanos ganham mais do que nós, mas alguém tem que ter coragem de brigar. Quando nós entramos com a demanda do açúcar, também diziam que a gente não ia ganhar. Ganhamos. Numa demonstração de que o mundo está ficando mais democrático nas suas instituições multilaterais. Já não tem mais o predomínio dessa ou daquela Nação. As pessoas estão percebendo que alguns têm que sensibilizar para que outros mais pobres possam conquistar espaço. É isso que estamos fazendo.

Estamos tentando agora estabelecer uma relação entre União Européia e Mercosul. E, da mesma forma que estamos querendo discutir uma ALCA mais civilizada, em que a gente permita que os países pobres tenham condições de participar dos processos sem serem sufocados, asfixiados pelas



economias mais fortes.

**Jornalista:** Qual é o prazo realista para a aprovação da Alca?

**Presidente:** É o tempo da maturidade dos negociadores. As coisas vão acontecendo e, de repente, a gente percebe que aquilo que parecia impossível se tornou fácil. Quando nós construímos a reunião de Cancun, diziam que ela tinha sido um fracasso. Alguns meses depois, ela virou um sucesso em Genebra. A questão da ALCA tem divergência em vários países. E países que têm assimetrias econômicas e que, portanto, nós temos que levar em conta essa diferenciação. E com muito cuidado.

Nós não temos vocação para levar vantagem em tudo. Nós achamos que a boa política comercial é como se fosse uma via de duas mãos, ou seja, você tem que comprar, mas você tem que vender. E você precisa dar condições dos mais fracos poderem subir um pouco.

Não é possível fazer negócios sem que a gente tenha, na mesa, um pouco de ação humanitária e muita generosidade.

**Jornalista:** O senhor acha que os EUA têm vontade de chegar a um compromisso?

**Presidente:** Eu vejo. Eu me lembro quando, no começo do meu governo, a relação com o senhor Zoellick, que era muito dura, parecia que não ia ter nunca negociação e, hoje, é o Zoellick quem tem tido um comportamento altamente favorável à flexibilidade das negociações. Eu me lembro das conversas que tive com o presidente Bush, das conversas que eu tive com Collin Powell, tudo aquilo que parecia tabu, que parecia impossível de acontecer, vai acontecendo. As pessoas vão percebendo que é preciso cada um ceder um pouco, para que a gente possa encontrar o ponto de equilíbrio na



relação humana e, sobretudo, na relação entre estados.

**Jornalista:** O presidente da China, Hu Jintao, passou bastante tempo na América do Sul e certamente a impressão é que ele está aumentando os investimentos na região. O senhor acha que a China desempenhará um papel mais importante no Brasil e na América do Sul e será que a China agora se tornará mais importante do que os EUA?

**Presidente:** A única coisa que eu tenho preocupação é se a China encheu o Brasil de produtos como encheu os Estados Unidos de brinquedos. Nós temos que ter um certo equilíbrio, porque a China é um parceiro excepcional para nós. Nós estamos fazendo parcerias para a construção de um grande gasoduto, aqui no Brasil, uma obra que custa 1 bilhão e 300 milhões de dólares. Nós queremos fazer parcerias em outras obras importantes, praticamente constituindo uma *joint venture*. Ou seja, da mesma forma que para uma empresa brasileira entrar na China, ela tem que fazer parcerias com o chineses, é importante que quando eles queiram entrar aqui, façam parcerias conosco. Eu acho que isso está avançando.

Agora, a China já é o nosso segundo parceiro comercial no mundo, parceiro individual, depois dos Estados Unidos. Então, eu acho que é um país que nós olhamos com muito carinho, com muita atenção. E temos uma relação estratégica e jamais imaginamos superar os Estados Unidos na relação com a China, até porque os Estados Unidos têm um PIB de 10 trilhões e nós estamos longe de chegar lá.

**Jornalista:** O senhor perdoou as dívidas de Moçambique e da Bolívia num momento em que o Brasil está tendo dificuldade de pagar sua própria dívida. Por que seria certo o Brasil perdoar a dívida de outros países?





**Presidente:** Primeiro, nós estamos cumprindo uma regra do Clube de Paris. Tem países que têm dívidas que nós sabemos que nunca vão conseguir pagar. Moçambique era um, a Bolívia era outro. Então, ao invés de ficar com uma espada na cabeça das pessoas, dificultando inclusive a contabilidade das pessoas, é melhor que a gente faça acordos e faça essas concessões. É uma dívida antiga que o Brasil sabia que não ia receber, como os Estados Unidos fazem, como a Alemanha faz, como a França faz. O Brasil, embora seja um país pobre, tem perspectiva de crescimento, tem potencial de crescimento e não custa nada, de vez em quando, a gente ajudar aqueles que são mais pobres do que nós.

**Jornalista:** Por que o Brasil quer um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e como vocês vão conseguir isso?

**Presidente:** Nós desejamos que a Organização das Nações Unidas seja democratizada. A ONU continua, em 2004, com os mesmos instrumentos legais, as mesmas representações que ela teve logo que foi criada, depois do pós-guerra. Então, nós achamos que a geografia do mundo mudou, e mudou muito. É só olhar o mundo que você percebe que país que existia, não existe mais, e outros se fortaleceram. Nós achamos que uma melhor representação nas Nações Unidas, no seu Conselho permanente, no Conselho de Segurança como membro permanente, é você democratizar decisões. Porque se a ONU é esse grande instrumento de equilíbrio entre as nações, ela precisa ter um poder de decisão mais equilibrado. Nós não sabemos se vai aprovar ou não a reforma na ONU, eu trabalho, nós já temos o apoio do primeiro-ministro Tony Blair, já temos o apoio do primeiro-ministro da Alemanha, já temos o apoio do Chirac, logo, logo, estou pensando em obter o apoio do presidente Bush e aí vamos ter, definitivamente, mudanças no Conselho de Segurança da ONU.



**Jornalista:** O senhor acha que a moeda brasileira está forte demais, valorizada demais?

**Presidente:** Eu acho que por conta da fragilidade do dólar, o dólar está muito desvalorizado, agora. Eu até tive ontem uma notícia que um amigo meu foi ao Chile, na reunião da APEC, e foi ao *free shop* comprar um produto e ele achou que iria pagar em dólar, e não era em dólar, era em peso chileno, porque o dólar estava barato. Eu acho que nós não queremos que o real se transforme numa moeda muito forte, que desvaloriza o dólar, porque para nossas exportações é melhor que o dólar mantenha um certo equilíbrio. Eu não sou economista, mas eu fico vendo os jornais, vendo televisão e conversando com as pessoas e penso que se o dólar, no Brasil, estivesse a 3,00, 2,90, 3,10, seria melhor para as nossas exportações. E nós precisamos torcer para que as nossas exportações continuem crescendo, porque elas são uma das razões do sucesso do ano de 2004. E nós temos que trabalhar para isso.

**Jornalista:** Presidente Lula, o governo decidiu construir uma usina de enriquecimento de urânio. Qual é a finalidade dessa planta se não for para a construção de armas? Será que o Brasil está desenvolvendo sua bomba atômica?

**Presidente:** Primeiro, o Brasil não pensa, porque é da índole do povo brasileiro. O país jamais construirá uma arma de destruição em massa. Agora, nós não podemos deixar de lado a tecnologia que nós conhecemos para fins científicos. A história do Brasil, mais do que qualquer outra coisa, mostra que nós somos um povo que preza e luta para que haja paz no mundo. Portanto, ninguém precisa perder cinco minutos de sono, com medo de arma nuclear neste país, que nós não temos esse interesse. Nem eu, nem o Congresso Nacional e nem o povo brasileiro, não faz parte da nossa história.



**Jornalista:** O senhor fez muitas mudanças nos seus primeiros dois anos. O que o senhor quer deixar como seu legado na Presidência?

**Presidente:** Veja, eu digo, toda vez que vou num ato público, que a coisa mais importante que eu quero que aconteça comigo, quando eu deixar a Presidência, é poder me encontrar com os meus amigos e chamá-los de companheiros e ser tratado como companheiro.

Veja, quando eu deixar a Presidência da República, vou morar no meu apartamento, a 600 metros do Sindicato onde eu fui presidente. Então, eu quero encontrar com meus companheiros, ir na porta de fábrica, com a consciência tranqüila de que se eu não fiz tudo que eu queria fazer, eu fiz aquilo que era possível ser feito.

Eu aprendi, desde muito cedo, que andar de cabeça erguida e olhar nos olhos das pessoas é um valor inestimável que a gente carrega, como caráter herdado do pai e da mãe, e eu não quero perder isso.

Se eu vou fazer mais do que eu queria fazer, vai depender de muito trabalho. E olha que aqui nós trabalhamos. Olha que eu não sei em que momento da história se trabalhou tanto como se trabalha aqui. E eu estou otimista, nós já fizemos muita coisa, num curto espaço de tempo, e vamos fazer mais.

Eu tenho mais dois anos, com mais experiência, com a máquina funcionando melhor, com mais recursos, com mais conhecimento no mundo. Então, eu penso que tudo está colocado para as coisas funcionarem bem.

**Jornalista:** Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigado a você, querida.